



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Noronha Porto, Ana Paula

Os Problemas Mais Graves e Mais Freqüentes no Uso dos Testes Psicológicos

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 15, núm. 1, 2002

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18815115>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Os Problemas Mais Graves e Mais Freqüentes Uso dos Testes Psicológicos

Ana Paula Porto Noronha¹
Universidade São Francisco

Resumo

Considerando a importância da Avaliação Psicológica na atuação profissional do psicólogo, este estudo identificou os problemas mais graves e mais freqüentes no uso dos testes psicológicos, segundo a concepção de psicólogos licenciados que mais utilizaram os testes. Participaram como sujeitos do estudo 214 psicólogos inscritos no CRM-RJ. O instrumento utilizado foi um questionário enviado pelo correio. Os resultados demonstraram que: 1) segundo os psicólogos, os problemas mais graves no uso dos testes psicológicos são os relativos aos próprios instrumentos e ao seu uso; 2) os problemas mais freqüentes no uso dos testes psicológicos, segundo os sujeitos, são os relativos ao instrumento e à formação dos psicólogos. Conclusão: é necessário o estabelecimento de parâmetros específicos para a formação na área.

Palavras-chaves: Avaliação psicológica; formação profissional; testes psicológicos.

The Worst and the Most Common Problems in the Use of the Psychological Tests

Abstract

Considering the importance of the Psychological Assessment in the psychologist's professional practice, this study identified the worst and most common problems in the use of the psychological tests used by the subjects sample. The subjects of this study were 214 licensed psychologists from Section 6^a and the instrument used was a questionnaire sent to them by mail. Results showed that, according to the psychologists, the worst problems in the use of the tests are related to the instruments themselves and to their use; the most frequent problems in the use of the psychological tests, according to the subjects, are related to the academic preparation of psychologists. Conclusion indicates that there is a crucial need to establish specific parameters for training in this area.

Keywords: Psychological assessment; academic preparation; psychological tests.

A Avaliação Psicológica e os Testes Psicológicos

A avaliação psicológica é uma atividade profissional bastante questionada e controvertida na Psicologia. A avaliação não teve um início que lhe conferisse simpatia: começou com a rotulação dos doentes e débeis mentais e foi muito criticada por seus métodos

e pesquisas. No que tange à avaliação, é preciso reconhecer-lhe a importância.

Para Pasquali (1992), as críticas ao uso dos instrumentos da avaliação psicológica vêm de longe. Mas é necessário, apoiando um debate crítico, esclarecer as devidas a confusões e incompreensões.

Ainda são presentes os questionamentos quanto à necessidade ou não de realizá-la.

No entanto, não parece ser possível estabelecer uma concordância entre a comunidade psicológica, no que diz respeito aos métodos e às técnicas utilizadas, assim como ao tempo previsto para a realização da avaliação, e aos procedimentos, pois considerando que a Psicologia é uma ciência em que muitas orientações teóricas e leituras de homem são possíveis, e considerando ainda, que há dentro da psicologia uma grande variedade de contextos de atuação do psicólogo, o que exige dele diferentes posturas de acordo com as necessidades específicas, certamente diferentes processos avaliativos são necessários. É compreensível que, de tal subdivisão, decorram diferentes estilos e posturas profissionais e essas diferenças podem trazer contribuições para a área, à medida que estimulam reflexões, discussões e críticas; acredita-se, desta forma, que o resultado disto seja positivo e gere o desenvolvimento.

Muitos são os estudos e as pesquisas que geram discussões a respeito da Avaliação Psicológica. Azevedo, Almeida, Pasquali e Veiga (1996) apontam que o baixo teor científico dos instrumentos padronizados vem sendo veementemente denunciado. Esses autores discutem que o fato de estudos na área estarem sendo realizados revela uma melhor reputação da investigação psicológica e do uso de instrumentos padronizados. Apontam também para os últimos estudos que partem do princípio de que a avaliação psicológica é indispensável, e procuram destacar a melhora da qualidade dos instrumentos padronizados.

Problemas Relativos à Avaliação Psicológica e aos Testes Psicológicos

Segundo Wechsler (1999), o Brasil encontra-se na retomada dos estudos sobre Avaliação Psicológica. Para ela, nos últimos quinze anos, a avaliação psicológica sofreu um descrédito, em que os testes passaram a ser criticados por não serem adequados à realidade brasileira. Dentre os principais problemas apresentados pelos testes psicológicos, os autores destacam: definição pouco precisa das variáveis, uso de escala de classificação

avanços necessários ainda não foram feitos; por outro lado, em outras realidades, este tipo de avaliação vem obtendo os resultados esperados ao pesquisar os parâmetros psicométricos de alta qualidade e mais confiáveis (Groth et al., 1995; Messick, 1995; Reynolds, 1998; Zimiles, 1998).

Um destaque deve ser dado para o trabalho de Almeida, Prieto, Muñiz e Bartram (1996), que realizaram um estudo interessante a respeito do uso de instrumentos padronizados em alguns países – Portugal, Espanha e Inglaterra (entre eles o Brasil) – e chegaram à conclusão de que existem problemas mais freqüentes na prática: não ter xerocar material de testes; usar testes inadequados em algumas situações; não estar em sintonia com a realidade da área; avaliações incorretas; não usar formatos padronizados; não ter clareza das limitações dos instrumentos quanto às normas; aplicação de testes por pessoas que não possuem os instrumentos para os determinados fins; não arquivar os instrumentos e não dar o devido valor ao uso dos instrumentos; não se interessar pelos resultados dos estudos dos testes e fazer interpretações incorretas ou superficiais do instrumento.

Os autores salientam que não existe avaliação completa da realidade da área, não se avalia competência profissional dos usuários de instrumento psicométrico, não se determina uma conduta comum de formação profissional, assim como não se estabelecem cursos de formação que relacionam os problemas encontrados na realidade profissional, com os problemas encontrados na realidade da avaliação psicológica. Em relação ao uso de instrumentos padronizados, não se faz referência à xerocópia de material de testes citado no trabalho de Almeida et al. (1996), nem ao trabalho desenvolvido por Oakland (1995), que faz referência ao tema, atribuindo a ele a responsabilidade de ter levado ao surgimento dos problemas que impedem o desenvolvimento da avaliação psicológica.

Outros estudos desta natureza têm sido realizados, como o de Halperin e McKay (1998), que revisam os testes psicológicos usados na avaliação psicológica, e o de

manuais de testes, discussão que vinha sendo privilegiada até então. Por outro lado, já se ressaltou no estudo de Almeida e colaboradores (1998) que existe uma clara relação entre problemas nos instrumentos psicológicos e problemas na formação profissional do psicólogo que constrói e usa os referidos instrumentos.

Ainda dando margem a esta questão, da relação entre formação profissional e uso de instrumentos, parece claro que a formação de um psicólogo em cinco anos de universidade, não é suficiente para aprimorá-lo em todas as áreas de conhecimento, embora devesse sê-lo. No estudo realizado por Hays e Wellard (1998) a respeito da formação em avaliação psicológica, ficou evidente a necessidade de que o recém-formado continue os estudos na área após a graduação.

Pode-se entender que para os autores citados, os problemas encontrados na avaliação psicológica, e em especial nos testes psicológicos, referem-se prioritariamente à formação do profissional que utiliza os instrumentos, às deficiências nos próprios instrumentos, assim como à falta de pesquisas que promovam satisfatoriamente o desenvolvimento da área. Por trás deste cenário em que predominam controvérsias e polêmicas, existem duas preocupações básicas: como a avaliação tem sido entendida e utilizada pela comunidade profissional e como ela tem sido proposta e ensinada nos cursos preparatórios.

É importante que as pesquisas na área estejam preocupadas com a criação de instrumentos novos, com a atualização de instrumentos existentes, com a verificação dos parâmetros psicométricos dos instrumentos, assim como com a solução de problemas presentes na avaliação psicológica como um todo. Outros estudos desenvolvidos versam sobre quais são os instrumentos mais usados pelos psicólogos e os problemas mais presentes na avaliação, segundo esses profissionais (Almeida e colaboradores, 1998; Noronha, 1999).

Embora os avanços da avaliação sejam claros, sobretudo quando se relaciona a situação atual da área com os primeiros

Méto

Participantes

Participaram como sujeitos psicólogos sendo que 86,0% feminino e 14% ($n=30$) do sexo masculino. A idade dos sujeitos variou de 39 a 76 anos, com média de 48,2 anos e o desvio padrão de 11,41 a 50 anos (69,2%, $n=148$), 51 a 60 anos; 5,1% ($n=11$) de 61 a 70 anos e 4,9% ($n=10$) de 39 a 40 anos e 0,9% ($n=2$) de 71 a 76 anos.

Todos os psicólogos estavam na Região e foram identificados (Campinas) de acordo com p

Mater

O material utilizado no preenchimento de um questionário dividido em dados de identificação (informações sobre a caracterização do sujeito, no caso da idade, sexo, ao ano de formação e à profissão), profissional (informações referentes à experiência profissional, horas dedicadas ao trabalho, testes psicológicos (informações sobre os instrumentos padronizados mais utilizados), profissional, ano de publicação, relacionados à avaliação psicológica, aos problemas mais graves e mais freqüentes na área psicológica, segundo os psicólogos.

O material foi enviado pelo correio em envelope etiquetado para todos os destinatários. Enviados 3000 questionários, foram respondidos 214 (7,14%) considerados válidos, tendo em vista que nove deles não puderam ser justificadas a não participação.

As categorias utilizadas nesta análise serão descritas a seguir:

Formação: nesta categoria foram incluídas todas as respostas relativas à formação profissional, tanto a básica (graduação), quanto à pós-graduação, tais como os relacionados às Instituições de Formação, aos órgãos de classe, aos docentes e aos próprios psicólogos. A seguir estão alguns exemplos de respostas classificadas nesta categoria: “Falta de reciclagem profissional”, “Psicólogo escondido atrás dos resultados dos testes”, “Desconhecimento da base teórica”.

Uso: foram incluídas as respostas que expressavam comentários à adequação ou inadequação de instrumentos de avaliação, tanto no que se refere à aplicação, avaliação ou interpretação dos resultados. Alguns exemplos de respostas classificadas nesta categoria: “Falta de clareza do que se está medindo”, “Mau uso do material”, “Uso limitado do instrumento e de suas possibilidades” e “Uso mecânico dos testes”.

Instrumento: foram incluídas nesta categoria, respostas relativas aos problemas específicos dos instrumentos de avaliação mencionados, quer fossem relacionados à construção deles, às suas características psicométricas, revisões, normas ou qualquer outro problema desta natureza. Encontram-se abaixo relacionados alguns exemplos de respostas: “Material antiquado”, “Padronização estrangeira”, “Crivos deixam a desejar” e “Faltam atualizações das normas”.

Ético: nesta categoria foram relacionadas as questões éticas advindas de quaisquer dos princípios apontados no Código de Ética profissional do Psicólogo ou outros aspectos identificados pela prática dos sujeitos. Como exemplos: “Falta de ética na entrega dos resultados”, “Testes conhecidos pelos candidatos”, “Leigos têm acesso” e “Cópia do instrumento para diminuir custos”.

Epistemológicos: foram incluídas nesta categoria respostas que tratavam de análises críticas dos princípios, hipóteses e resultados da Ciência Psicológica, e em especial da Avaliação

Psicológica e de seus instrumentos. Algumas respostas: “Entendidos como verdades acreditadas”, “Utilidade para prevenção”, “Não mede o que é preciso”, “Fazem inferências”.

Outras respostas: foram incluídas as respostas que ou com sentido dúvida e as respostas que enquadram em nenhuma outra categoria. Por exemplo, “Retirada do currículo obrigatório material para avaliar crianças menores de 10 anos”, “Adolescentes”, “Autoritarismo técnico” e “Nomes da nomenclatura”.

Respostas em branco: pertencem a todos os protocolos cujas perguntas não foram respondidas.

Observou-se que mais da metade dos protocolos respondeu à questão – enumere os problemas no uso dos testes psicológicos - (55,1%). Isso pode indicar uma ausência de reflexões sobre a questão. Deste total, 29,9% ($n=64$) justificaram que não porque não usavam testes psicológicos ou deixaram a questão em branco (Tabela I).

Dos protocolos respondidos ($n=114$), constatou-se que a categoria de maior freqüência entre os analisados foi *instrumento* (32,9%, $n=99$), seguida por *uso* (25,9%, $n=78$), *formação* (19,3%, $n=56$), *étnico* (10%, $n=30$), *epistemológico* (9,6%, $n=29$) e *outras respostas*. A categoria *instrumento* que recebeu mais críticas, o mais grave problema para a atuação profissional Psicológica.

Foi realizado o teste de qui-quadrado para verificar a homogeneidade da distribuição; observou-se diferença significativa entre as categorias ($\chi^2_c = 20,515$; $n.g.l. 5$; $p < 0,001$), o que sugere que a hipótese de distribuição uniforme dos protocolos dos sujeitos foi rejeitada.

No que se refere aos problemas mais comuns, os instrumentos de avaliação psicológica, as respostas utilizadas para a análise foram as que apareceram na questão anterior, ou seja, *formação*, *uso* e *instrumento*.

epistemológico, outras respostas, respostas em branco. A seguir, são apresentados alguns exemplos pertinentes às categorias:

Formação: “Nem sempre é feita por profissionais capacitados”, “Necessidade de treino” e “Conhecimento de poucos testes”.

Uso: “Avaliação incorreta”, “Falta de clareza da aplicação”, “Erro de aplicação”, “Erro de avaliação”.

Instrumento: “Padrão deveria ser corrigido a cada 10/5 anos”, “Alto custo do material”, “Faltam instrumentos para diferentes realidades”, “Faltam amostras brasileiras”.

Ético: “Muito divulgado na mídia”, “Divulgação dos resultados a terceiros”, “Popularização dos instrumentos”, “Divulgação dos testes a leigos”.

Epistemológico: “Pouca margem de flexibilidade às idiossincrasias”, “Visão parcial do indivíduo”, “Estigmatizam”, “Catalogam”.

Outras respostas: “Não tenho encontrado dificuldade”, “O método é pouco difundido, facilitando panelinhas profissionais”.

Em relação à discussão dos problemas mais freqüentes apontados pelos psicólogos, novamente 51,4% dos sujeitos ($n= 110$) não responderam, sendo que 33,2% ($n= 71$) justificaram que não responderiam porque não utilizam testes psicológicos e 18,2% ($n= 39$) deixaram a questão em branco. Dos protocolos respondidos, 37,8% das respostas ($n= 124$) associaram os problemas mais freqüentes ao *instrumento*; 27,5% ($n= 90$) relacionaram à *formação*; 19,5% ($n= 64$) ao *uso*; 8,5% ($n= 28$) ao *epistemológico*; 5,2% ($n= 17$) ao *ético* e 1,5% ($n= 5$) a *outras respostas*.

Os sujeitos apontaram aspectos do instrumento como o problema mais freqüente em relação às categorias de respostas. Notou-se que houve diferença significativa entre as categorias ($X^2_0 = 50,42$; $X^2_c = 20,515$; $n.g./ 5$; $p < 0,001 =$, o que significa dizer que a hipótese de distribuição igual entre as categorias de resposta foi rejeitada).

Em relação ao segundo objetivo do estudo, ou seja, verificar os instrumentos mais usados pelos psicólogos,

psicanalista”; “não tenho conhecimento”; “não faço trabalho em treinamento”;

Quando se solicitou aos sujeitos quais eram os instrumentos mais usados em suas práticas profissionais, 83,6% dos respondentes citaram, sendo que em 37,3% das citações, os dados fornecidos pelo sujeito eram inadequados ou incompletos. De 37 das citações foram referidos instrumentos de Psicológica, como por exemplo, teste de personalidade, desenho livre e jogo de areia.

Os dez instrumentos mais usados foram: WISC – D. Wechsler (15%, $n= 38$); Temática Infantil – C.A.T. (foi citado por 13,9% dos sujeitos); L. Bellak e S.S. Bellak (13,9%, $n= 35$); Buck (13,6%, $n= 38$); Teste de Wartegg – E. Wartegg (9,3%, $n= 23$); Bender – L. Bender (13,2%, $n= 34$); Temática – T.A.T. – H. A. Masuda (10,8%, $n= 26$); de Wartegg – E. Wartegg (9,3%, $n= 23$); Rorschach (8,6%, $n= 24$); Teste de Trinca (6,8%, $n= 19$); Teste de Pirâmides Coloridas (5,2%, $n= 13$).

Tabela 2. Testes Psicológicos mais usados pelos Psicólogos

| Instrumentos |
|---------------------------|
| WISC |
| CAT |
| HTP |
| Bender |
| TAT |
| Wartegg |
| Rorschach |
| Teste de Desenho História |
| Matrizez Progressivas |
| Pfister |

construtos, se as amostras utilizadas para a padronização dos instrumentos fossem brasileiras, se fossem realizadas mais pesquisas sobre validade e fidedignidade, se as instruções fossem melhor estruturadas, se os manuais fossem completos, se houvesse instrumentos para avaliar diferentes realidades sócio-culturais, ou ainda, se o custo do material não fosse tão alto.

Tais exigências dos sujeitos não parecem exageradas, já que muitos autores têm falado sobre isso, como por exemplo, Wechsler (1999) que sugeriu um Guia de Procedimentos Éticos para a Avaliação Psicológica, em que consta: “Ao selecionar um teste psicológico, o psicólogo deve:

(...) considerar as características psicométricas do instrumento a ser utilizado, tais como sensibilidade, validade, precisão e existência de normas específicas ou gerais para a população brasileira, (...) verificar se o manual do teste possui informações necessárias para aplicação, correção e interpretação dos resultados do mesmo” (p. 136).

Ainda em relação aos problemas graves, os psicólogos justificam também que esses problemas não estariam ocorrendo se os testes não fossem aplicados indevida, indiscriminada e mecanicamente; por pessoal não qualificado, sem critérios; com instruções erradas; se não houvesse erro de avaliação; supervalorização do quantitativo; interpretação generalizada e o uso de um único instrumento como resultado definitivo.

Tendo em vista estas colocações, vale lembrar que “(...) cabe exclusivamente ao psicólogo a responsabilidade pela qualidade da aplicação dos testes psicológicos, sendo esta condição essencial para a obtenção de um resultado fidedigno”, “(...) o psicólogo deverá respeitar rigorosamente as instruções, os exemplos, o tempo e outras orientações que se encontram no manual ou no próprio caderno de teste, evitando quaisquer improvisações que possam comprometer todo o processo de validade do instrumento” (Wechsler, 1999, p. 137).

Em relação aos problemas mais freqüentes, as categorias de respostas que apresentaram maior freqüência foram:

psicólogo fosse melhor formado na área que ensinam nas Instituições de Ensino mais qualificados, se a prática e a carga horária fossem maiores e se houvesse melhores instrumentos para a comunidade de psicologia.

Mais especificamente em relação ao uso de instrumentos psicológicos, os resultados deste estudo concordânciam com o trabalho desenvolvido por Wechsler e colaboradores (1996), no qual objetivaram identificar os instrumentos psicológicos mais utilizados e identificar a opinião dos psicólogos a respeito. Constatou-se que metade da amostra utilizava um recurso disponível e possível ao psicólogo, e que se também que a maioria dos sujeitos utilizavam os testes, mas com as seguintes ressalvas: usando respeitando os princípios éticos e parte de um processo de avaliação, que inclui os instrumentos.

Parece estar claro que tais problemas são atribuídos ao instrumento, ao uso dele pelo profissional, e por trás disso, encontra-se, mais especificamente, o psicólogo que usa os instrumentos, o psicólogo que não os utiliza e o psicólogo que não está sendo bem formado.

Na verdade, esta é uma discussão ambi valente, em muitas instâncias do ser e do fazer psicológico. Um lado existe o psicólogo que está atuando, que não está preparado para as solicitações profissionais e que não está atualizado. O outro lado tem-se instituições formadoras que não estão de acordo com as necessidades profissionais. Por outro lado ainda, tem-se os pesquisadores cujos resultados e descobertas não estão sendo transmitidos de forma eficiente.

Como pondera Custódio (1996), a “culpa” da avaliação psicológica incorreta é atribuída ao profissional. Essa colocação é corroborada por Vaz (1991), que afirma:

preparado para isto, certamente estará para compreender os fenômenos psicológicos representados pelos dados numéricos.

A análise crítica dos psicólogos deve ser tão priorizada quanto os dados fornecidos pelos instrumentos, pois eles têm limites e isso não poderia ser diferente, pois em qualquer ciência, os instrumentos têm função auxiliar. A formação e a atualização adequadas do profissional, ao lado de sua experiência, deveriam, evitar tais inconvenientes.

No que diz respeito aos instrumentos psicológicos mais utilizados na prática profissional dos psicólogos, observou-se que grande parte dos sujeitos não os utiliza, enquanto outra parte deixou a questão em branco, o que revela o pequeno compromisso dos sujeitos com o desenvolvimento de sua profissão, considerando que pesquisas científicas promovem o avanço de qualquer área de conhecimento.

A questão solicitava os instrumentos psicológicos mais utilizados na prática profissional e seria aceitável que os sujeitos se manifestassem dizendo que avaliam, mas sem utilizar instrumentos padronizados, mas por outro lado, as justificativas apresentadas caminharam para um discurso antigo, em que o preconceito pelo teste psicológico ainda se faz presente e, em que ainda, o teste é sinônimo de avaliar.

Em relação aos instrumentos mencionados, observou-se que a grande maioria tem como objetivo avaliar a personalidade do indivíduo, enquanto uma menor parte objetiva avaliar a inteligência. Estes dados podem ser corroborados pelo estudo promovido por Almeida e colaboradores (1998), já que dos instrumentos mais utilizados pelos psicólogos da Espanha, de Portugal e dos Países Iberoamericanos, oito diziam respeito à avaliação da personalidade. Embora o instrumento da autora deste estudo solicitasse que o sujeito identificasse os testes psicológicos mais usados, alguns psicólogos citaram técnicas de avaliação, o que revela determinada confusão conceitual.

Para Oakland (1996), os testes são fortes em países

É certo que o estudo não reuniu todos os instrumentos existentes, até porque este não é o objetivo, mas os estudos na área são necessários para a formação profissional, à medida que a avaliação quando realizada em diferentes níveis, a concepção de Avaliação Psicológica deve ser feita de diferentes formações profissionais, que são relevantes necessários.

Considerações finais

Vale destacar que, embora as questões da avaliação tenham sido divididas em duas, é preciso que se compreender melhor os dados, tanto para a formação profissional do psicólogo. Ainda assim, é preciso que a ação do psicólogo e, para que o profissional possa atuar com um mínimo de problemas, é preciso que se investir na preparação do profissional, que é a necessidade de se olhar para a realidade.

Referências

- Adánez, G. P. (1999). Procedimientos psicométricos. Em S. M. Wechsler (Org.), *Psicología: Perspectiva internacional* (pp. 11-22). Madrid: Psicólogo.
- Aftanas, M. S. (1994). On revitalizing the concept of psychometric. *Psychologists*, 49(10), 889-890.
- Almeida, L. S., Prieto, G., Muñiz, J. & Bustamante, J. (1998). Testes psicológicos em Portugal, Espanha e Países Iberoamericanos. *Revista de Psicología*, 19(1), 1-12.
- Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Fundamentos de avaliação psicológica*. São Paulo: Fundação Armando Álvares Penteado.
- António-Lopez, M. (Org.) (1987). *Avaliação psicológica: Teoria e prática*. Lisboa: Edições 70.
- Azevedo, M. M., Almeida, L. S., Pasquini, C. & Alves, R. (1998). Utilização dos testes psicológicos no Brasil. Em L. S. Almeida, S. A. Prieto & M. R. Simões (Orgs.), *Avaliação psicológica: Teoria e prática* (pp. 213-219). Braga, Portugal.
- Bruno, M. L. (1995). Utilização de testes psicológicos em Portugal. *Revista de Psicología*, 45(102), 81-84.

- Noronha, A. P. P. (1999). *Avaliação psicológica segundo psicólogos: Usos e problemas com ênfase nos testes*. Tese de Doutorado não-publicada, Instituto de Psicologia, PUC-Campinas, Campinas, SP.
- Oakland, T. (1996). Qualities that will influence testing and assessment practices with children and youth toward the beginning of the twenty-first century: International perspectives. *Psicología Escolar e Educacional*, 1(1), 11-18.
- Oakland, T. (1999). Emerging testing and assessment practices with children and youth. Em S. M. Wechsler & R. S. L. Guzzo (Orgs.), *Avaliação Psicológica: Perspectiva internacional*. (pp. 119-131). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pasquali, L. (1991). *Relatório do Encontro de pesquisadores em psicometria*. Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto (texto mimeo).
- Pasquali, L. (1992). Avaliação psicológica: Questões e controvérsias [Resumos]. *Anais do Iº Congresso Nacional de Psicologia Escolar* (pp. 25-27). ABRAPEE/Campinas - PUCCAMP.
- Reynolds, C. R. (1998). Reliability of performance on the test of memory and learning (TOMAL) by an adolescent learning disability sample. *Educational and Psychological Measurement*, 58(5), 832-835.
- Saccuzzo, D. P. & Johnson, N. E. (1995). Tradition and proportionate representation: An international evaluation study. *Psychological Assessment*, 7(2), 181-187.
- Salvia, J. & Ysseldyke, J. (1991). *Avaliação em educação*. São Paulo: Manole.
- Wechsler, S. M. (1999). Guia de procedimentos évaluations psychologiques. Em S. M. Wechsler & R. S. L. Guzzo (Orgs.), *Avaliação psicológica: Perspectiva internacional* (pp. 133-141). São Paulo: Manole.
- Witter, G. P. & David, J. B. (1996). Avaliação da Pós-Graduação: Auto e hetero-avaliações. *Estudos de Psicologia*, 17(1), 1-10.
- Zimiles, H. (1996). Rethinking the validity of psychometric tests. *American Psychologist*, 51(9), 980-981.

Sobre a autora

Ana Paula Porto Noronha é Docente da Graduação em Psicologia e do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia da Universidade São Francisco (USF). Doutora em Psicologia: ciência e Profissão pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Campinas, SP.